

personagem

COM CORAGEM E DETERMINAÇÃO, JORNALISTA SUSANA NASPOLINI ENFRENTOU TRÊS CÂNCERES E A MORTE DO MARIDO

“Adoro a vida”

Não é sempre que a entrevistada é alguém que te trata como se fosse uma antiga amiga do colégio. Quem pensa que a jornalista Susana Naspolini, 42 anos, é apenas uma personagem, ou que faz tipo diante das câmeras, pode ter certeza: ela é de verdade. A maneira espontânea como a repórter conduz diariamente o “RJ Móvel”, quadro que apresenta ao vivo no *RJTV*, na TV Globo, ficou bem clara durante a entrevista, em uma cafeteria na Gávea, bairro da Zona Sul carioca, onde mora. “Desculpa, estou sem lente e não enxergo nada. Fiquei torcendo para você me reconhecer e me achar”, brincou. Com um forte sotaque do Sul (ela é de Criciúma, Santa Catarina), Susana falou de três vitórias. Neste texto, a palavra “vitórias” tem um propósito real de aparecer antes de falar em câncer. Susana considera que a solução sempre deve ser mais importante do que o problema. Então, por recomendação dela, o fato de ter vencido vem primeiro.

E assim Susana passou três vezes pela doença. Em 1991, aos 18 anos, foi um linfoma. No início de 2010, um nódulo maligno na mama direita. E quando pensava estar bem, no final do mesmo ano, um tumor na tireoide. Em nenhum momento, ao falar dessas experiências, Susana demonstra sofrimento ou mágoa. “Lógico que não é fácil, mas a dica que eu dou é focar na solução e não ficar alimentando a dor. Nunca me perguntei ‘por que eu?’”, diz.

Na época de sua primeira prova de fogo, Susana tinha começado a cursar Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Ela lembra que tinha um “carocinho” debaixo do braço, mas não dava muita importância. “Eu associava [o caroço] ao período menstrual. Inchava e desinchava. Quando comentei com a minha mãe, que era muito

ligada em saúde, ela marcou logo uma consulta com o médico”, recorda.

Susana trancou a faculdade e foi a São Paulo fazer o tratamento, que durou um ano. O olho brilha ao falar do empenho de toda a família para sua recuperação. Na ocasião, ela se submeteu a vários exames para se certificar de que não se tratava de uma metástase, já que o linfoma é um câncer que percorre o sistema linfático. A jornalista fez 12 sessões de quimioterapia e, logo na primeira semana de tratamento, ficou sem os cabelos. “A única coisa de que me arrependo foi não ter raspado logo a cabeça, porque o cabelo, se raspar, depois nasce mais forte. Fiquei só com alguns fios de cabelo, parecendo o Peninha, um personagem de história em quadrinhos, primo do Pato Donald. Usei peruca por muito tempo”, conta.

De volta à faculdade, trabalhou no SBT até se formar e então foi para a RBS (afiliada da TV Globo) de Criciúma. Três anos depois, mudou-se para a sucursal de Joinville, onde atuou por dois anos como editora-chefe e apresentadora de telejornal. Na ocasião, conheceu o marido, o jornalista esportivo Maurício Torres, falecido em maio de 2014, aos 43 anos. O único momento da entrevista em que Susana muda o olhar é ao falar dele. “Nós falávamos sempre aquelas coisas de casal apaixonado, de envelhecer juntos. Nunca pensei que eu poderia ir antes dele, por conta de já ter tido câncer. Ele foi por causa da taquicardia, foi sem esperar, a gente nunca pensa que vai morrer”, diz.

E realmente Susana não pensou, mesmo no delicado ano de 2010. Um dia ela sentiu um nódulo no seio esquerdo. Fez exames, e não era nada de mais. Pensou: “Ufa!”. O médico aproveitou para fazer uma ressonância nas duas mamas. Aí, descobriu outro

“O sofrimento vem, mas é importante não alimentar. Depois que recebi a notícia, fui para o banheiro e chorei muito. Em seguida, pensei que eu não estava tirando uma mama, e sim um câncer”

micronódulo – como a jornalista mesma disse, “uma coisinha, bem pequena, difícil de notar” – no seio direito. Era o segundo câncer. Susana fez radioterapia e mastectomia total. “Não fiquei pensando, nem procurei outros médicos. Não queria dar espaço para a doença crescer”, lembra.

SEMPRE EM FRENTE

A lição que ela tira dessa experiência é a mesma que leva para a vida. “Sempre falo para a minha filha: ‘Se um brinquedo quebrou, não vamos chorar’. A gente tem que consertar, ver o que fazer. Tem sempre que olhar para a solução. Claro que dá medo. Não é falar: ‘Olha, vou ali tirar uma mama e já volto’. O sofrimento vem, mas é importante não alimentar. Depois que recebi a notícia, fui para o banheiro e chorei muito. Em seguida, pensei que eu não estava tirando uma mama, e sim um câncer.”

A culpa também não tem espaço. “Não adianta ficar se culpando, tipo ‘ah, se eu tivesse evitado comer tal coisa, se eu não tivesse guardado mágoa, se eu isso ou aquilo’. Só bate com o carro quem tem carro. Só fica doente quem está vivo. Não é legal ter câncer, mas se ele aparece, precisamos fazer alguma coisa para nos livrar dele. Foi isso que eu e minha família fizemos. Acho que essa visão de solucionar os problemas eu peguei muito da minha família, todo mundo unido para resolver”, declara.

Susana foi operada no dia seguinte ao diagnóstico e fez a reconstrução mamária na mesma cirurgia. Ela fez questão de informar tudo o que acontecia para sua filha Júlia, então com 4 anos. “É um conselho que dou: nunca esconder. Lógico que devemos considerar que é uma criança e não vamos chegar e falar:





Fotos de arquivo pessoal

“Estou com 42 anos, tenho que me cuidar. Não sou mais adolescente e não tenho aquela energia toda para sair por aí comendo um monte de besteira sem achar que o corpo não vai mudar. Tenho que estar bem para curtir a Julinha e viver muito”

‘Sua mãe está com câncer’ e ponto. Eu disse que estava com um problema e que teria que tratar. No Sul, a gente não fala mama, e sim teta (risos). Eu contei que estava com um problema no tetão e precisava da ajuda dela. Julinha ajudava a fazer o curativo, passava a gaze para o Maurício, acompanhava tudo”, conta.

Nem bem passou o susto, em outubro do mesmo ano, depois de um exame de rotina, Susana descobriu mais um tumor maligno, dessa vez na tireoide. O câncer foi eliminado com tratamento à base de iodo radiativo. “A história foi parecida. Demorou uma semana para receber o resultado, e vi que tinha mais uma coisa para cuidar. Marcamos a operação logo em seguida, e depois fiquei isolada para receber o tratamento com o iodo”, revela.

Atualmente, Susana faz visitas periódicas ao médico, mas jura que não mudou nada em sua vida por conta do câncer. “Estou com 42 anos, tenho que me cuidar. Não sou mais adolescente e não tenho aquela energia toda para sair por aí comendo um monte de besteira sem achar que o corpo não vai mudar. Tenho que estar bem para curtir a Julinha e viver muito. Adoro a vida”, finaliza. Ops! Finaliza? Não. Ela pede dois minutos antes de se despedir e vai comprar pão para levar para casa. Mas, quando paga, oferece uma pastilha para a menina do caixa da cafeteria e já começa um papo, como se a “nova amiga” fosse conhecida de outros tempos.

A REPÓRTER DO POVÃO

Susana se destaca com um jeito peculiar de fazer as reportagens. Em três anos de “RJ Móvel”, ela coleciona muitas histórias. Tudo é feito no improviso e guiado por um raciocínio muito simples. “Algumas vezes, eu chego e a pessoa está sentada no chão. Por que ela tem que levantar para falar comigo? Por que eu não posso sentar no mesmo lugar para entrevistá-la?”, questiona.

Assim, Susana contesta a falta de asfalto e a tubulação que vazou, pede a conclusão da obra na praça e faz as pessoas pararem diante do vídeo para assistir ao bom “jornalismo comunitário”. Além disso, ela faz amigos, troca mensagens pelo WhatsApp para saber se o problema foi resolvido, toma cafezinho e, às vezes, até começa a falar da própria vida entre uma entrevista e outra. “Quando o poder público não cumpre, o povo vem até o jornalista pedir essa atenção. É triste, mas é verdade. E assim vou levando esse trabalho que adoro fazer. Gosto de estar com as pessoas, gosto de gente”, afirma. ■